

# Umbigo do mundo

Por Ana Carolina Addario Ilustração: Milton Costa

**U**mberto crescera com o doce hábito de aguardar ansioso pelos almoços de domingo em família. Embora desde cedo se pudesse sentir, do alto do humilde sobrado onde viviam os Beluttini, o cheiro das delicadezas gastronômicas preparadas por sua mãe, o que Umberto mais aguardava no dia era o momento de escutar, pela enésima vez, a história que seu avô contava – mas que ele nunca compreendia.

Mal saía do banho e ficava pronto: engomava com displicência o espesso e escuro cabelo, economizava, em uma breve borrifada, a única água de cheiro que perfumava toda a família – o aroma comum dos Beluttini –, e se preparava para o periódico encontro.

Da porta da cozinha, encarava a taça lustrosa de seu avô Mariano, uma das únicas peças que restaram da imigração do sul da Itália. Aquela taça um dia seria sua, tal qual o direito de contar aos filhos, netos e amigos a história de sua família, que ele ainda não compreendia totalmente.

– Jamais nascera um Beluttini em outras terras que não as originalmente italianas.

A afirmação sempre categórica de que todos os membros de sua família haviam nascido na Itália enchia o peito de Umberto de um orgulho repleto de dúvidas, principalmente depois que soube que o registro nos documentos de identidade de todos os seus familiares, exceto os do velho Mariano, previam nascimento em Araraquara, interior de São Paulo, território brasileiro. Mas as palavras do avô soavam quase como uma reza, e, religioso que era, Umberto agradecia pelo privilégio do fato e encerrava a sentença com um sorriso e um breve amém.

Mas outra pista fazia Umberto desconfiar, mesmo que timidamente, da veracidade daquela informação: como seria possível que todos tivessem nascido na Itália se a diferença de idade entre seu pai, Bento, e os demais irmãos deste, Giovanni, Italo e Dante, era de apenas um ano? Não havia tempo nem dinheiro o suficiente para que a mãe deles viajasse, do Brasil à Itália, a cada nascimento.

Apesar dessas e outras dúvidas, Umberto jamais questionou o patriarca da família – ouvia atônito a história, e corria num pinote para o fundo do quarto. Passava as horas seguintes tentando resolver o enigma, até que caía no sono. Nenhuma resposta o acudia.

Na gana de entender como se dera, e se realmente seria possível, a façanha que atribuíam a toda a sua família, Umberto passou a vasculhar os volumes de literatura italiana que o avô possuía na sala de casa, a preciosa relíquia da família. O velho Mariano era um amante da literatura.

A cada livro, Umberto embarcava em viagens fantasiosas, com personagens que se aproximavam ou distanciavam dos entes queridos, de seu estilo de vida, de sua realidade. A cada nova narrativa, descobria a saga de outras famílias, italianas ou não, e de longínquos períodos. E todo domingo, por conta do estímulo que a literatura trazia à sua imaginação, aparecia com uma nova possível solução para o avô, que sorria e negava as hipóteses, mas nunca desencorajava o garoto.

Passaram-se anos, e a morte do velho Mariano chegou antes de Umberto haver finalmente percebido que muitos dos autores italianos cujas linhas ele devorava em suas leituras possuíam os mesmos nomes de seu pai e de seus tios: Bento, Giovanni, Italo, Dante, e mesmo Umberto, foram, em momentos esparsos, grandes autores de obras famosas de sua pátria do coração. E foi então que Umberto resolveu o enigma: toda a sua família nascera do umbigo dos livros, e ele, como os outros parentes, era o eco, obviamente italiano, de algum grande autor. Bastava, para o velho Mariano, acreditar que toda a família compartilhava sua nacionalidade e sua paixão pela literatura.

Desde então, há centenas de domingos, o mais novo dos Beluttini resolveu deixar de ser apenas a pétala seca de flor no meio dos livros, para se tornar a tinta que corre nos milhares de começos, meios e fins de histórias possíveis. Se antes tinha a Itália no fundo do peito, agora a tem também no nome e na ponta de sua caneta.

